



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11292 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

DISCURSO IDEOLÓGICO E POLIFÔNICO NA EDUCAÇÃO DE MENINOS DESVALIDOS NO PARÁ (1871-1910)

Mayara Teixeira Sena - UFPA - Universidade Federal do Pará

Guthemberg Felipe Martins Nery - UFPA - Universidade Federal do Pará

Laura Maria Silva Araújo Alves - UFPA - Universidade Federal do Pará

DISCURSO IDEOLÓGICO E POLIFÔNICO NA EDUCAÇÃO DE MENINOS DESVALIDOS NO PARÁ (1871-1910)

INTRODUÇÃO

Nos fins do Primeiro Reinado do Brasil Império, a partir do Código Criminal brasileiro sancionado em 16 de novembro de 1830, os indivíduos menores de 14 anos que não estavam sob os cuidados de suas famílias, passaram a ser tratados conforme algumas categorias distintas e, assim, o termo desvalido passou a ser utilizado. Vale destacarmos que, no vocabulário da época, desvaler significava “faltar com a proteção”; desvalido utilizado como adjetivo era alguém “desprotegido, desamparado” e como substantivo era o “pobre, desgraçado”. Desse modo, criança desvalida correspondia ao indivíduo menor de idade que embora vivendo em situação de extrema pobreza, contava com algum apoio familiar.

Ao longo do avanço do regime imperial brasileiro, a situação das crianças desvalidas perambulando em locais públicos das cidades provincianas era algo que preocupava cada vez mais os governantes. Não demorou para se vincular, em várias capitais do Brasil oitocentista, discursos valorados de opiniões sobre a importância de retirar as crianças desvalidas das ruas, pois Roschild e Leo (2021, p. 8) explicam que a aristocracia brasileira almejava ser uma sociedade abastada, baseada nos moldes europeus, os quais não aceitavam a presença de vagantes pelas ruas das cidades e passaram a estabelecer diversas iniciativas com “o objetivo de retirar os andantes das ruas, dentre elas a qualificação para o exercício de um ofício ou profissão.”.

Nesse contexto, discursos defensores de modelos de instituições de ensino profissional (responsáveis pela produção de trabalhadores tidos como ideais para a modernização, ordem, progresso e civilização do Império brasileiro), ecoaram com certa expressividade pelas capitais dos estados, chegando a ser legitimado a nível nacional. Sob esse aspecto, Silva (2020, p. 32) comenta que “foram criadas instituições para o recolhimento dos indesejados das cidades, atendendo a políticas repressivas, que desconsideravam as discussões nacionais e internacionais sobre o atendimento especial e especializado aos menores.”.

O governo da província do Pará, nas últimas décadas do regime imperial, mais precisamente a partir de 1870, passa a aderir a esse ideário nacional e, volta seus olhos para os meninos pobres, inicia o projeto de instalação de instituições de ensino profissional em seu território que, gradativamente, recolheram e abrigaram uma expressiva quantidade de crianças desvalidas, sobretudo em Belém, numa tentativa de manter a “harmonia” e “civilização”. Em uma reportagem do jornal *Diário de Belém*, ocorre a defesa do ideário de reclusão dos infantis desvalidos a partir do seguinte argumento: “Se o homem dotado d’alma, e corpo não ilustrar o seu espírito convenientemente, para ser consciensoso em seus actos, seguirá necessariamente os instintos da sua natureza animal, e será escravo de suas brutas paixões” (DIÁRIO DE BELÉM, 14/11/1872).

Nesse contexto, a capital do estado começou a vivenciar o período da Belle Époque, através do auge do ciclo da borracha, momento de intensas transformações ocorridas na urbe que “enquadrada pela economia gomífera, significou a materialização da modernidade expressa através da construção de obras, urbanização, formação de elite, na construção de um ‘modelo ideal de sociedade moderna insento de perturbarção’” (SARGES, 2002, p. 53).

Para atender as exigências que a nova elite impunha à capital e garantir a ordem e salubridade no espaço urbano belenense, as políticas públicas de saneamento e higiene pública se intensificaram através de um “mecanismo de controle dos hábitos da população, o que tornava bastante visível a distinção entre a área central da cidade, destinada aos ricos burgueses ‘desodorizados’ e ‘higienizados’ e as áreas ‘periféricas’ destinadas à população trabalhadora e pobre” (SARGES, 2002, p. 155). Esse ideário higienista, também reforçou o discurso de retirada das ruas das crianças desvalidas e colocá-las em espaços privados, responsáveis por sua regeneração e educação.

Neste cenário surge uma instituição com a premissa da educação pelo trabalho, como correção e/ou combate à mendicância e à vadiagem, o Instituto Paraense de Educandos Artífices que, posteriormente, tornou-se o Instituto Lauro Sodré. Instituição educacional que se apresentava “como uma alternativa oficial de governança da infância pobre em Belém, que passaria a ser disciplinada para atender aos anseios da classe governante e rica e também abasteceria o mercado de trabalho local, em expansão acelerada.” (ARAÚJO; BARBOSA, 2012, p. 36).

Diante do exposto até aqui, o presente trabalho de pesquisa visou apresentar

resultados preliminares de uma pesquisa em andamento, tal pesquisa objetivou responder a seguinte questão-problema: Quais discursos ideológicos e polifônicos orientaram a educação de meninos desvalidos no Instituto Paraense Educando Artífices e Instituto Lauro Sodré, da província de Belém do Pará, entre os anos de 1871 a 1910?

METODOLOGIA

Metodologicamente, destacamos que esta pesquisa é de cunho documental. O estudo documental, segundo Pimentel (2001, p. 180), são aqueles “baseados em documentos como material primordial, sejam revisões bibliográficas, sejam pesquisas historiográficas, extraem deles toda a análise, organizando-os e interpretando-os segundo os objetivos da investigação proposta”. Sabendo disso, a pesquisa se debruçou sobre as informações históricas contidas no documento intitulado “Monographia do Instituto Lauro Sodré: eschola profissional do estado”, o qual foi encontrado no setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Arthur Vianna, localizada no Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (Centur), atual Fundação Cultural do Pará. Ainda na referida instituição, encontramos no setor de Microfilmes outra fonte essencial para este estudo, os exemplares do jornal O Diário de Belém. Estes jornais continham diversas reportagens veiculadas sobre o Instituto Paraense de Educando Artífices e o Instituto Lauro Sodré, essencial para a compreensão do discurso educacional adotado pelas referidas instituições.

A pesquisa também é do tipo bibliográfico, pois o material utilizado para a reflexão se constitui de produções acadêmicas de amplo reconhecimento no campo. Assim, destacamos que foram utilizados livros, artigos científicos e dissertações de mestrado para elucidar na compreensão e aspectos sobre os discursos contidos nos institutos estudados em tela.

Os aspectos apreendidos pelo balaio de vozes que indicam os discursos orientadores da educação dos meninos desvalidos no Instituto Paraense de Educando Artífices e no Instituto Lauro Sodré foram apreciados por meio da análise do discurso, ancorada na perspectiva analítico-discursiva de discurso ideológico e polifônico de Mikhail Bakhtin. A categoria de discurso ideológico é concebido, na ótica bakhtiniana, como o discurso que evidencia a constituição da voz ideológica de um indivíduo situado em contexto histórico e meio social e cultural determinado. A polifonia, por sua vez, é entendida como o entrelaçamento de múltiplas vozes da vida social, cultural e ideológica que coexistem no interior do discurso.

Essa perspectiva analítico-discursiva de discurso dialógico e polifônico de Mikhail Bakhtin, não se constitui em mero pano de fundo deste trabalho, tendo em vista que a análise de fontes históricas nos exigiu um olhar sobre o contexto em que o documento foi produzido, nos conduzindo a percepções de suas influências do lugar, do tempo e do(s) autor(res) que produziu(ram) aquele discurso.

DISCURSOS DA EDUCAÇÃO DE MENINOS DESVALIDOS DOS INSTITUTOS PARAENSE DE EDUCANDO ARTÍFICES E LAURO SODRÉ

Criado em 31 de outubro de 1871 e inaugurado em junho de 1872, O Instituto Paraense de Educando Artífices funcionava em um prédio localizado numa chacára adquirida pelo governo do Estado na então estrada de Nazareth, hoje Avenida Nazaré, no bairro central da provinciana Belém do Pará. A instituição, mantida pelo governo do Estado, tinha como finalidade promover a instrução profissional aos meninos desvalidos, pois a formação pelo trabalho na capital paraense se apresentava como um importante mecanismo para controlar suas mentes e corpos, doutrinando-os aos interesses sociais e desenvolvendo desta forma: “vários problemas dentre eles o dos meninos pobres, que vagavam nas ruas da cidade oferecendo seus produtos e serviços e eram considerados um perigo em potencial à ordem pública e aos pressupostos de civilidade que se queria adotados por todos os moradores da urbe”. (ARAÚJO; BARBOSA, 2012, p. 36).

Com capacidade de abrigar 50 alunos, o instituto funcionava em regime de instituição total, separando os meninos pobres da sociedade belenense por considerável período de tempo, os conduzindo a uma vida fechada e formalmente administrada. Nos intramuros do Educando Artífices, para garantir aos meninos desvalidos a educação das primeiras letras, eram ministradas aulas de português, aritmética, álgebra, geometria, física, química, geografia geral, história geral, e demais matérias de ensino elementar. E para assegurar a educação do trabalho foram criados o “curso teórico e criadas as oficinas de alfaiate, sapateiro, latoeiro e fundidor” (SILVA, 2020, p. 40).

A instituição de ensino também oferecia uma educação dos ofícios associados a instrução primária, oferecendo ofícios como carpinteiro, ferreiro, caldeireiro, sapateiro, e outras atividades. No jornal Diário de Belém, datado de 27 do dezembro de 1873, foi encontrado uma reportagem veiculada que apontam a educação do trabalho ofertada na referida instituição. Na reportagem, percebemos a notícia sobre uma cerimônia de premiação e exposição de trabalhos dos alunos internos, a qual contava com a presença de diversas autoridades da época, dentre elas o presidente da província e seu secretário. A reportagem conta, também, com o discurso do jovem Narciso Ferreira Borges que, ao relatar sua vivência educacional no Instituto Paraense de Educandos Artífices, nos diz:

De orphãos desvalidos que eramos, sem proteção nem amparo, sem meios de subsistência, sem recurso algum para nos educarmo-nos, tendo por dote as vestes e todos os vícios da preguiça, vendo diante de nós e de nossas pobres famílias a imagem triste da miséria, nos tornaremos fortes, entrando na sociedade cheios de vida, de recursos e de esperanças... Essas penumbras que nos desenhavão a carranca da miséria, se desvanecerão como por encanto deixando-nos antever o mais brilhante futuro: **educados no trabalho** e para o trabalho, saberemos vencer todas as dificuldades da vida, repelindo as sedutoras caricias do ócio... (...) **Instruídos nos preceitos da sã moral e da religião**, amantes das nossas famílias, saberemos ser **bons cidadãos**, como bons filhos: **amigos da pátria e do governo** [...]. (DIÁRIO DE BELÉM, 27/12/1873, grifo nosso).

Bakhtin (2014, p. 99) considera a palavra, isto é, o discurso, como o ponto de partida para a compreensão da ideologia, pois a palavra sempre se dá em contextos de enunciações precisos, logo, em um contexto ideológico preciso e, em decorrência disso, a palavra sempre

estará “carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Seguindo essa perspectiva analítico-discursiva bakhtiniana, no enunciado jornalístico acima, vemos a presença de palavras tecidas por vários fios ideológicos que, apreciadas a partir de um contexto determinado, serviram de trama para indicar uma voz do discurso civilizador adotado na condução do processo educacional dos meninos internos do Instituto Paraense de Educandos Artífices. A instituição educacional, legitimando tal discurso civilizador, impôs aos meninos, considerados potencialmente perigosos, a reprodução de valores morais e padrões de comportamentos sociais adequados para torná-los sujeitos civilizados, para que assim pudessem conviver em harmonia e contribuir (por meio do trabalho) para o progresso da sociedade belenense.

A partir de 1880, o quantitativo de meninos desvalidos admitidos pelo Instituto Paraense de Educando Artífices passou a elevar gradativamente, chegando a abrigar mais de 200 meninos, ocasionando várias adaptações no prédio. Em 19 de março de 1893, o prédio do não conseguiu suportar o elevado número de meninos matriculados, próximo de 300 alunos, sendo necessário ser remanejado para um prédio maior e, de preferência, mais afastado do centro populacional de Belém. Acerca dessa visão, Azevedo et al. (2017, p. 137) esclarece que os preceitos sanitáristas da época defendiam a construção de instituições educacionais “em terreno elevado, seco e isolado de outras edificações, pois a umidade e a pouca circulação de ar poderiam contribuir para a propagação de doenças no ambiente escolar.”.

Sendo assim, o lugar escolhido para instalação do novo prédio foi um terreno localizado nas proximidades da Avenida Tito Franco, hoje denominada de Avenida Almirante Barroso, no bairro do Marco da Légua (bairro, na época, marco final do crescimento urbano de Belém). Esse fato indica ações da classe dirigente do Instituto Paraense Educando Artífices seguindo caminhos ideológicos consonantes com as palavras (os discursos) médicas e sanitáristas que legitimavam concepções de higiene e salubridade arquitetônica, pois “a palavra acompanha e comanda todo ato ideológico.” (BAKHTIN, 2014, p. 38).

Desta forma, percebemos a influência da voz do discurso médico-higienista nos rumos tomados pelo Instituto Paraense Educando Artífices, revestido pelas vozes médicas e sanitáristas que legitimavam, pelo menos, dois objetivos estratégicos para a criação do novo prédio em localização afastada. O primeiro consistia, obviamente, evitar a proliferação de doenças e epidemias no interior da futura instituição de ensino; o segundo objetivo visava retirar a instituição educacional de meninos desvalidos do centro da cidade (espaço por onde desfilavam as classes dominantes) e deslocá-la para a periferia urbana, isto é, longe da vista da elite local. Sob esse ideário higienista, os alicerces do prédio começaram a ser erguidos em 1894, no governo de Lauro Sodré, contudo sua pedra fundamental só foi lançada em 1899, no governo de Paes de Carvalho, que homenageou seu antecessor alterando o nome de Instituto Paraense de Educando Artífices para Instituto Lauro Sodré.

Desde sua inauguração, o Instituto Lauro Sodré tornou-se um modelo de instituições de ensino para o recém regime republicano, sendo muito enaltecido por diversas autoridades

de prestígio da capital, do Brasil e de outros países. Em um relato, fornecido em 17 de fevereiro de 190, o Capitão do Estado Maior, Tasso Fragosso, afirma sair “do instituto Lauro Sodré de alma reconfortada e firme na crença de que visitei um inestimável **viveiro de futuros cidadãos**” (PARÁ, 1904, p. 87, grifo nosso). Outro relato consoante com o anterior é o de Charles Page Bryan, enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos da América, em sua visita realizada em 31 de agosto de 1901, enfatiza a seguinte opinião: “O Instituto como está organizado prova à evidência a excellencia de seus methodos de educação, ensinando a mocidade a **ser patriota e homens úteis**, porque o melhor patriotismo **é servir a pátria** contribuindo para sua **prosperidade**” (PARÁ, 1904, p. 89, grifo nosso). No relato de Hanibal R. Porto, Presidente da Associação Comercial do Amazonas, datado de 17 de julho de 1903, podemos visualizar sua visão do instituto: “Da excursão que hei feito pelo meu Paiz, procuro reconhecer os seus principais **monumentos**, não vi um que no genero pudesse equiparar-se ao Instituto profissional Lauro Sodré, que por si só basta para afirmar o **gráo de adiantamento intellectual do grandioso** Estado do Pará” (PARÁ, 1904, p. 93, grifo nosso).

Como afirma Bakhtin (2014), todo pensamento que se materializa no discurso é resultante de outras falas, outros posicionamentos, outras visões de mundo, de sociedade. Dessa maneira, nos trechos dos enunciados descritos acima, observamos as vozes de autoridades fazerem alusão ao Instituto Lauro Sodré incorporando valores ideológicos de discurso alheio, o colocam como um local de ensino profissional com educação jamais vista em território nacional, no qual utilizava de excepcionais métodos educativos para formar indivíduos civilizados, prósperos e úteis à pátria republicana brasileira. Além disso, as palavras também preconizam como o prédio do instituto materializou o discurso de modernidade, a partir de sua construção suntuosa que expressava o poder, luxo e riqueza de uma Belém enriquecida pela economia da borracha.

De tudo que foi dito, do ponto de vista bakhtiniano, observamos a expressão do discurso polifônico presente na educação de meninos desvalidos tanto no Instituto Paraense Educando Artífices quanto no Lauro Sodré, já que percebemos instituições revestidas não de voz discursiva ideológica única, mas de um coro de vozes que direcionavam polifonicamente os caminhos ideológicos de sua educação. Das vozes discursivas ideológicas que presentes tanto na educação formação moral e cívica dos meninos quanto na arquitetura do prédio da instituição, destacavamos: o discurso ideológico civilizador, o discurso ideológico higienista e o discurso ideológico moderno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados preliminares obtidos percebemos que, durante o período imperial e as décadas iniciais da república, o poder público visou arquieter medidas para sanar o problema de crianças desvalidas nas ruas das cidades brasileiras. Em Belém, a partir de 1871, foram criados institutos para abrigar meninos em situações de extrema pobreza, oferecendo-lhes instrução relativa ao curso primário e aprendizagem de ofícios, dente os

quais descacam-se o Instituto Paraense Educando Artífices e, posteriormente, o Instituto Lauro Sodré. Apesar de apresentar apenas resultados parciais, a análise das fontes permitiu perceber uma educação que, seja na forma de ensinar ou em com a arquitetura do prédio, estava em sintonia com as vozes discursivas ideológicas da civilidade, modernidade e do higienismo.

Palavras-chave: Discurso Ideológico, , meninos desvalidos, Instituto Paraense Educando Artífices, Instituto Lauro Sodré,

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. M. D. S.; BARBOSA, A. C. E. Instituto Paraense de Educandos Artífices: um recurso para a formação do cidadão morigerado na Belém da Belle Époque. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís/ MA, v.5, n.2, p.34-57 jul/dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/index> >. Acesso em: 16 jun. 2022.

AZEVEDO, C. B. et al. Princípios higienistas e a escola para a república: um estudo sobre os grupos escolares do Rio Grande do Norte. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, ano 39, nº 73, p.132-153 jan/jun. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/educacaoemdebate> >. Acesso em: 17 de jun. 2022.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

DIÁRIO DE BELÉM. Belém: Typographia Diário de Belém, 1872.

DIÁRIO DE BELÉM. Belém: Escriptório e Typ “Comercio do Pará”, 1973.

PARÁ. Governo do Estado. **Monografia do Instituto Lauro Sodré – Eschola Profissional do Estado**. Belém: Tipografia e Encadernação do Instituto Lauro Sodré, 1904.

PIMENTEL, A. **O método da análise documental**: seu uso numa pesquisa histórica. *Cadernos de Pesquisa*, n.114, p.179-195, nov. 2001.

ROSCHILD, A. B.; LEON, A. D. Os “pobres e desvalidos da sorte” e a educação profissional. **VERUM: Revista de Iniciação Científica**, Borja, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 3-13 ago/dez. 2021. Disponível em: < <https://sumarios.org/revista/verum-revista-de-inicia%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica> >. Acesso em: 10 jun. 2022.

SARGES, M. D. N. **Belém**: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2002.

SILVA, Í. C. A. D. **A educação de corpos de meninos desvalidos no Instituto Lauro Sodré no Pará republicano (1890-1920)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará, Belém.